

*Brasil e Prussia*

E assim é o mundo! Eu nunca incendiaria cidades, nunca metria fogo em mulheres e crianças.... e, quando vi o poder de Lopes baixar, suspendi completamente as hostilidades e estendi logo mão amiga ao povo paraguaio. Entretanto não sou senão um salvajado e a Prussia um levario da civilização.

A VIDA FLUMINENSE

Rio, 15 de Outubro de 1870.

A Reforma

Na chronica de sabbado passado disse eu, fazendo uma succincta resenha jornalística:

"*A Reforma* reforma-se pela setima ou oitava vez.

"Resobram-lhe recursos intellectuaes, faltam-lhe, porém, os pecuniarios.

"Será possivel que o partido liberal seja tão grande que não possa sustentar um unico orgão de seus idéas?"

No dia seguinte veio estampada no logar de honra da *Reforma* uma coupa com visos de artigo de fundo; em resposta às linhas preceitadas,¹ encontra-se linguagem e cunjo desenrolho de idéias destojo com os mais rudimentares preceitos do jornalismo.

Depois de grande esforço meu e de alguns amigos a decifrar charabães, consegui adivinhar que o intento do articulista era:

1.º Repellir a *rude aggressão* feita por mim aos creditos dessas folhas;

2.º Fazer bem publico que para viver honradamente não só sobram-lhe, como até resobram-lhe recursos pecuniarios.

Vamos por partes.

Em que aggredi eu com rudeza os altos creditos desse *nôllo me longere* da imprensa, que, investindo diariamente todos, pretende, entretanto, ser por todos acatado como inmaculada donzela?

Nas minhas linhas acima transcritas não ha uma palavra sequer em desabono de seus creditos; ha sim tudo contra os libermanes que a têm sempre deixado viver... a morrer.

Nessas linhas, como em todas quantas anteriormente escrevi com referencia à *Reforma*, procurei muito de industria tornar bem patente que se ella não prospera não é de certo por incapacidade de seus gerentes e redactores, mas, por nôro desamor de seus correligionarios.

Onde está, pois, a rude aggressão?

Em dizer que lhe fallecem os recursos pecuniarios?

Ora! Ora!

E' isto pequenino isto! Adiante!

Entremos na segunda parte.

Animou-se a afirmar em lotra redonda o articulista, que tão mal conhece a vida intima da donzella por amor de quem entrou a langa, que para viver honradamente tem ella *mais do que os recursos pecuniarios precisos*.

Louco!

Como aquella mui que num amplexo amoroso matou seu idolatrado filho, o desusado advogado da *Reforma*, querendo defendê-la a pequena aggressão,

que ergueu no meu artigo, não conseguindo senão irrogar-lhe a mais grava de todas as censuras, — a de fazer suppor que ella extende não pedisse, quando tem *sous celleiros furios*.

Realmente, quem confronta a assédro do articulista com a da circular dirigida em 15 do passado [na trinta dias apenas!], nos seus correligionarios pelo Centro Liberal, e firmada pelos Srs. conselheiros Nabucu, Souza Franco, Zacharias, Dias de Carvalho, Paranaguá e Camisão de Simimbi, não pôde deixar de concluir que o o articulista faltou à verdade quando asseriu que a *Reforma* *sobrava e resobrava* os meios de viver honradamente, ou falta à verdade o Centro Liberal quando diz em circular que — sendo grandes os sacrifícios pecuniarios que exige o custeio de um JORNAL DIARIO, faz-se mister que sejam unicos promovam para a *Reforma* o maior numero possivel de assinantes e que CONSIDEREM URGENTE A MATÉRIA DESTE PEDIDO! [As palavras sublinhadas são copidas fielmente do original].

Se a *Reforma* tem recursos superiores aos necessarios para viver *sua hora*, como quer o articulista, para que faz o Centro Liberal mais este appello nos seus amigos?

Se não os tem, como dá a entender o Centro Liberal, por que sustenta o articulista que elle vive desassombrada?

É manifesta, bem o vê o leitor, a contradicção entre o artigo a que respondo e a circular de 15 do passado.

Um dos dois documentos affirma uma falsidide; qual delles?

Quanto a mim é o da *Reforma* e creio intimamente que, como eu, ninguem duvidaria das palavras subscritas pelos cinco distinctos conselheiros de Estado supra-mencionados, para prestar fé nôo de um articulista apavorado, que ainda ninguem me soube dizer quem é.

Supponho ter provado cabalmente que na resenha jornalística que escrevi, ha oito dias, nem aggredi com rudeza os creditos da *Reforma*, nem sustentei nôa verdade, quando disse que lhe faltavam os recursos pecuniarios.

Mais duas palavras: para terminar:

Pretendo a *Reforma* fazer acreditar que o pequeno artigo da minha ultima chronica foi-me inspirado pelo director da estrada de ferro de D. Pedro II.

As pessoas, porém, que conhecem o Sr. commissâador Mariano e eu, sabem perfeitamente que nem elle é capaz de abusar da sua posição de chefe para constituir-me seu instrumento particular, nem eu sou empregado que me preste a tais manejos.

Não escrevo com a mesma pena o expediente da secretaria e as chronicas da *Vida Fluminense*.

Felicitem-se os tres volumes annuas deste hebdomadario e vêr-se-ha o que sou.

A. da C.

Assunto de varias côres

A Africana, de Meyerbeer. — Ouvam-nos cinco vezes e apreendam-na à costa. — Um mês em arvo, hors ligne. — França Junior. — Drama pernambucano. — Conferência de um prognostico. — Costa Lima, a uma praça minúscula, que é o teatro da ópera. — São Pedro claramente. — S. Pedro, ensaios a vapor, a *Virgem do Mestreiro* e a *Torre de Londres*. — Milagres do Sr. Valentim. — Como se pôde ir a Paris sem sair do Rio de Janeiro. — O pessoal artístico de novo. — Atenção. — Bela Maria atinada no palco do esquiquinho, num triângulo de recordações. — El señor Pape, o barbeiro Couleau.

Estava anunciada para hontem, e deve repetir-se hoje no theatro *Lyrics*, a monumental composição de Meyerbeer, a que Scribe, no seu estuporido poema, deu o título de *Africana*.

Se tra balhão musical, cujas bellezas tinhão sido cantadas em prosa e verso pelos criticos mais severos da nossa época, é o que, à hora em que escrevo, está a ponto de passar pelas pravas publicas na scena à cargo do nosso patriarca, o Sr. Guimaraes.

E, olhada scientificamente, a produçao mais célebre do seu tempo: é a musica moldada pelas formas do *classismo* rigoroso; é a *partitura*, onde se observaram, desde o primeiro até o ultimo, os mil preceitos dessa arte divina, que poucos cultivaram com o esmero excepcional do grande mestre alemão.

Não se admirem, pois, os numerosos frequentadores da sala do campo de Sant'Anna, se, à primeira vista, não encontrarem na opéra esses motivos facetas e brilhantes, que deleitam o ouvido sem entarem n'alma: não, Ouvam a *Africana*, durante noites consecutivas; prestem rigorosa atenção às combinações harmonicas, cuja originalidade e sciencia tão agradogada foram pelos criticos mais pessimistas; escutem em religioso silencio essas melodias, cuja inspiração por vezes cortada para se attender às leis da forma e melhor traduzir em musica a idéia contida na phrase poetica: — no caño de oito ou das noites a obra sublime de Meyerbeer terá obtido no Rio de Janeiro o exito descomunal que, apóz varias audições, público algum pôde recusar-lhe até hoje.

Até lá, sem prejudicar a attenção do ouvido, lancem os olhos sobre o *mise-en-scène* da Africana; reparem no luxo das roupas, na ilusão do scenario, e no cuidadoso esmero dos accessórios: aplaudam a valer os constantes esforços d'essa empreza, que, sem auxilio das coxas públicos, apresenta especulos muito superiores a tudo quanto até hoje tem subido à scena no nosso theatro lirico; prodigalismos bravos e palmas a esse conjunto de artistas, que a cada passo revela um zelo e boa vontade de como não ha exemplo entre nós; e, quando estas exigências se acharem satisfeitas, virão então o ouvido, já effeto à opulencia de uma instrumentação prodigiosa, desvendar as bellezas insinuantes que derrinham a obra postumha de Meyerbeer a *celebridade*, de que ella goza perante os povos mais cultos do universo.

Quando, outrora, subio à scena no theatro do

Gymnasio uma comedia de costumes nacionaes, a que França Junior deu o título de *Bojo do Judas*, prognosticou a esse moro talentoso um futuro brillante na esplendorosa literaria, que maior predilecção parecia merecer-lhe.

Não me enganei, folgo de dizer-o.

Direita por linhas tortas confirma o prognostico, e aponta ao autor um lugar entre os homens notaveis que mais têm trabalhado em favor do theatro brasileiro.

Peca eminentemente brasileira, de cujo exito não é licito duvidar, escreveu tambem o Sr. Costa Lima, actor que durante alguns annos pisou a scena dos melhores theatros de Lisboa, e que, a convite do Valle, faz actualmente parte da companhia do nosso *Gymnasio*.

Até hoje o nosso publico desatava a rir todas as vidas que via um negro em scena, não é verdade? Pois vio no *Gymnasio* logo que se anuncie a primeira representação das *Pupilas do escravo*; e se, ao descer do palco, não saírem de lá com as lagrimas nos olhos, é que em lugar de ceração concedeu-lhes a natureza um pedaço de gesso petrificado.

O crescido numero de theatros trabalhando simultaneamente obriga os emprezarios a variar por tal forma os seus espectaculos, que o publico nem já sabe para onde virar-se.

Vejam o S. Pedro.

Não contente de ensaiar a vapor a sua *Virgem do Mestreiro*, cuja interpretação conscientiosa, e *mise en scene* esmerada mudou na boca dos mais exigentes, já anuncia para esta noite a *Torre de Londres*, drama de situações comoventes, peripécias inesperadas e scenario luxuoso!

E em vista disto descreciam dos milagres, se pôdem.

Milagres de paciencia e boa vontade artistica vi enha dia nas officinas do Sr. Valentim, o ouvires mais porfeito que por ali ha, e que, a um talento excepcional, junta certa modestia... digna de palmarolas.

Trabalhava o artista nos favores de uma espada, e por tal sorte ia o buril desenhando sobre o ouro os diversos arabescos de um ornato opulento, que só no deixar as officinas é que voltei ao Rio de Janeiro.

Até alli julgara-me em Paris, palavra de honra.

A estréa do pessoal artístico contractado por mestre Armand continua a levar ao theatro francês as multitudes, sequiosas de novidade.

A sala enche-se todas as noites, as palmas rebentam com o estampido precursor do entusiasmo, as flores atravessam o espaço com a rapidez das nossas locomotivas, e as gargantas enriquecem a força de saltar bravos e pedir *bis*.

A VIDA FLUMIXENSE



Efeitos do vento na noite de 10 de Outubro.

Tôto sôu xombori. Quando o vento tanpa assin as ruas é causado nos bicos com a bassoura.



O prestativíssimo Rossi no jardim de Arnilda pretende por mais de grande festicaria encher de flores todos os cumarotes do theatro S. Pedro (sobr' tudo embaixada suíça).
Para isso é preciso ter muita habilidade..... e muitas flores. É uma boa encomenda, acurcenturi mestre Rossi.

AVIDA FLUMIXENSE



O Papá e Victor Hugo.

Corpo di buco! Aquelle diabo de Frances sahio tão precipitadamente que deixou a porta aberta! O meu maior inimigo pode aproveitar a occasião e cá fico em talas! Não ha que ver.



Prussia e Inglaterra.

Eu achava very good que n'eras condicão de bár. Prussia tinha medido do esquadral francês... ser cose muito confortable para nun.
Mas para que preciso eu de tantos navios?
Ora eu compra depois.

Risette—a mulher que abrava as convicções ingênuas de muito valhete de carácter timido e sizado; Amélie—a criatura, cujo olhar fulgurante tumultuado impôs reverenciar sobre a cobiçosa... das flores, das joias, e do Clíquot legítimo; Zélia—a concubista, que a tese de requiebros sedutoros desvairava a cabeça do deputado taciturno, e a razão do dandy inexperiente; essa triunfante de recordações sonhosas fêz atrair ao pelúcio do esquecimento. Nem mais se ouve falar delas.

Rosa Marin é o astro d'ágora: é o diabrete que leva apôz si o moço, o velho, o dandy, o jarrete, o senador, o deputado, o comandador e o barão!

Não há resistir-lhe. Todos lhe gabam o espírito, a graça, o porte, a dicção, a voz, eminência.

D'ali uma espécie d'ineciado todas as vezes que o nariz da faceira criatura desponta no bastidor; d'ali uma giranola de palmas apenas elle pôe p' em scena; d'ali um entusiasmo que só entra nos limites da razão, quando o bis de um *coupé* vem satisfazer as exigências d'essa parte do auditório, que dispõe de mãos robustas, e, garrancas vigorosas!

Se, por um lado, Rosa Maria é o principal incentivo à concorrência de todo esse povinho, que frequenta o teatro francês, ha por lá outros, que contribuem também muito para que à saliha nolamente o espectador os cobres relativos à entrada.

O Sr. Pépe—hespanhol de nascimento, francês por sympatia, e que na interpretação de um *typo* inglês não tem quem lhe ponha o pé adiante—está nesse caso.

Temos ainda Coulene, um dançarino burlesco, que faz rir as pedras.... e.... e....

Sabem que mais?—vão lá ver.

A. de A.

Passeios á chuva

ros

CESERINO DE OLIVEIRA

(Continuação)

XVII

— Sr. Velocípede, dizia-lhe eu quando a civilidade ordenou-me que delle me despedisse,—conquanto tenha sido eu hoje a vítima imolada no altar da antipatia sua e de sua senhora, venho pedir-lhe aculpa, embora....

— E não deixou-me mais falar; d'aquela boca sahiram som tão fortes que paroiam-se com a trovada de uma horrenda tempestade; os olhos do Sr. Velocípede dansavam na respectiva órbita e ameaçavam d'ela sahir, a boca escumava; em suma, todos os circunstâncias ficaram estáticas, e boquiabertos!...

— Que homem, cruzes! exclamaria alguma devota se acaso me lesse.

— E qu' torrente de impropérios corria d'aquelle inegável fonte!

— Só olho fallava, só elle dizia, só elle berrava. A casa da viúva perdendo a appariência das noites anteriores,

se mostrava barulhenta e aterradora como deve ser o inferno.

— Sr. Velocípede, griti com toda a força do meus fracos pulmões o logo quo as repelidas amargas de quicar-me a alma duram lugar á isso;—Sr. Velocípede, Deus lhe dé juizo, cabega tom o sonhor, e bem grande.

— Tomou meu bonet o deixa o Sr. Velocípede clamando contra uns homens que elle sabia quo existia, havia apenas meia dúzia de horas.

— E é assim quo se atribuiu a justiça em muitas outras circumstâncias.

XVIII.

Passaram-se bastantes dias apôz essa nocturna aventura o j. n-in mas lombava-me do meu anivel Sr. Velocípede, quando, por um acaso, tentei a encontrar-o.

Eu na rua da Quitanda quando da porta de um armazém, mole achava-se um grupo de individuos, ouvi que partiam estridentes e prolongadas risadas.

Agora de modo ser mulher, para tor o dom da curiosidade, parei a fita de saber porque aqueles senhores tanto riem-se.

E o caso não era para menos, confessou; pois, também eu ri-me, e com vontade.

No meio da loja e tava um sujeto em quem logo reconheci a pessoa do Sr. Velocípede.

Tinha na mão direita uma boneca de céra já sem cabeça e na esquerda um longo do chita novo, que, no acto de assar-se, tinha lhe pintado todo o nariz do encarnado.

E o Sr. Velocípede estava indo; o Sr. Velocípede gritava e ameaçava meio-mundo!

Por que?

Por bem justo motivo; eis ahi vai o historico do negocio que vim a saber mais tarde:

— O Sr. Perciliano, moço muito sensível e delicado, temo se apaixonado devorád'ella menina Velocípede, que fazê-lo um presentão no dia de seu aniversário.

Parafusou, parafusou durante oito dias, e não podia atinhar a maneira pela qual podesse obter uma totalidade, que estando nos limites de suas posses, agradasse decididamente á sua querida.

É por isso andava o pobr' rapaz tão triste que ora uma causa por domais. Nos seus momentos de falar, mais de uma vez, pouso querer lançar mão sacrifício em seu respeitável chapéu de pelo alto, que possuía havia bem dez annos, para esmurrar-l-o contra a paret!

Mas..., uma voz secreta, um enviado de Deus talvez, lhe dizia baixinho no ouvido: — Lembra-te, Perciliano, que esse chapéu foi do teu pa'l—com elle, esse bom pa'sai saiu nos d'umigos contigüy e levava-o ao Sr. vigario, o qual, te lancava tantas bençãos que era preciso o auxílio dessa chapéu para tu as carregar para casa!

E o bom d'r rapaz, relindio então das alturas da raiva em que se achava, ia, com ansiosa adoracão, procurar entre o forro do seu chapéu alguma benção que nesse exívissimo porventura esquecida.

Impossivel!... nem uma benção do Papa se conservaria impunemente dez annos no forro de um chapéu!

Felizmente o nosso Perciliano não era desses homens que não possuem amigos, por isso, passando um dia extremamente abatido por essa mesma loja, em a qual encontrou mais tarde o Sr. Velocípede, um seu antigo companheiro de escola, que ali estava empregado, o chamou.

Consta que o nosso Perciliano, depois de conversar com seu amigo couça de meia hora, começou a mostrar um semblante mais risonho; o que elles disseram não o soube ninguem.

A VIDA FLUMINENSE



Russia e França